

MIA COUTO E O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS: ANÁLISE DO DISCURSO AUTORITÁRIO COLONIALISTA

Autor: Chitungane Sebastião Chachuaio¹
Orientadora: Josyane Malta Nascimento²

Resumo: O trabalho teve como objetivo fazer uma leitura do conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, do escritor moçambicano Mia Couto. Aonde analisou-se a narrativa a partir do contexto histórico pelo qual atravessava o país, na fase final do período colonial. Também serão problematizadas as impressões do menino Tiago (personagem central) perante as relações de poder dos colonos e do homem nativo (o passarinho). Mia Couto é atualmente o escritor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior. O escritor busca em suas obras abordar um tipo de realismo mágico, através da tradição desta pequena pérola do índico (Moçambique), ex-colônia portuguesa. Tendo atravessado uma guerra colonial de cerca de dez anos para alcançar sua independência de Portugal, Moçambique viria a tornar-se independente em 1975 sob o comando do partido FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). No conto de Mia Couto que ora se analisou, uma das questões mais latentes é a racial, pois o menino Tiago e as outras crianças brancas do bairro, filhos dos colonos, terão confiscados os seus direitos de brincar com um velho cuidador de pássaros, o “passarinheiro” (nativo daquele lugar, preto e dos pés descalços). Essas características do velho, ao mesmo tempo que seduziram os meninos, fizeram com que os Silvas e Peixotos (colonos) tentassem afastar o passarinho do bairro de brancos. Tiago vai surgir como um elo que une esses três mundos (do velho passarinho, do colono e o seu próprio mundo de inocência, sonhos e fantasias). O garoto vai representar, portanto, uma metáfora de um futuro livre de segregação, em que não haja o colonialismo nem o preconceito racial. E é esse universo idealizado por Tiago que amedronta os colonos.

Palavras-chave: Mia Couto. Tiago. Passarinheiro. Identidade

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou fazer uma análise do conto “O embondeiro que sonhava passaros”, extraído do livro “Cada homem é uma raça” do escritor Mia Couto, aonde o autor vai trazer de forma “mágica” uma narrativa, que vai nos conduzir de

¹ Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, graduando em bacharelado em relações internacionais pela mesma universidade, e-mail: chitungane@gmail.com

² Docente de Literaturas em Língua Portuguesa na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: josyanemalta@unilab.edu.br

forma descritiva, sobre o cenário social, racial, cultural e econômico, ao qual estava inserido Moçambique no final do período colonial.

Mia Couto vai cristalizar no conto, como se encontrava socialmente dividido Moçambique no período colonial, apontado sobretudo, para as desigualdades raciais que imperavam naquele período, e com elas, os choques culturais, entre os colonizadores e os colonizados, que muitas das vezes terminavam com violência.

METODOLOGIA

O trabalho, ele é o resultado de discussões teóricas (onde através de seleção de textos e obras, e posteriormente a leitura e análise comparativa das mesmas), foi possível constatar uma ponte, que nos levasse a compreender inclusive, como foram construídas as relações (racialmente), entre os nativos (Moçambicanos) e os colonizadores (Portugueses), durante o período da colonização.

Para o trabalho também, como uma das metodologias, foi adotado a produção de resenhas e resumos, e fichamentos, que orientavam as leituras das referências bibliográficas.

Podemos destacar também, a importância que as reuniões de acompanhamento e orientação, tiveram, pois possibilitaram uma discussão e produção mais consolidada de resenhas e resumos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho ora proposto, ele visa acima de tudo mostrar que é possível a luz do discurso e da linguagem que ator vai trabalhar no conto, tecer laços que possibilitem a construção de um olhar, para além do nosso mundo, onde seja possível substituímos as fronteiras e os muros raciais, autoritários (no sentido de uma imposição de uma cultura única, em detrimento das outras), por pontes capazes de nos unir uns aos outros, ao que segundo a nossa leitura é justamente esse o principal papel do personagem central (Tiago), do conto em questão.

Foi possível constatar que, as fortes cenas de violências presentes no conto, em parte elas nos revelam o que foi no passado (colonial), e hoje tem sido a realidade de Moçambique, que logo após ter conseguido sua independência (1975) junto a Portugal,

por meio de uma guerra armada que durou cerca de 10 anos, passado dois anos, vivenciou mais uma vez, a experiência de mais uma guerra (1977), essa que durou cerca de 16 anos, entra a FRELIMO e a RENAMO, essa que viria terminar em 1992, com a assinatura dos acordos geral de paz, entre as partes envolvidas no conflito.

E por fim, não menos importante e também não distante, entre 2013 e 2016, novamente ocorreram nas regiões centro e norte em Moçambique intensos conflitos políticos-militar, novamente entre as forças armadas de moçambique e os homens armados da RENAMO. COUTO (1990, pag. 41)

[...]. Logo procederam pancadas, chambocos, pontapés. O velho parecia nem sofrer, vegetável, não fora o sangue. Amarram-lhe os pulsos, empurraram-lhe no caminho escuro. [...]. As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolvucravam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes.

Na narrativa assim, o outro melhor ilustra essa questão da violência, que era bastante frequente no período da dominação colonial, a violência ela foi usada como uma forma de opressão e silenciamento do outro.

Foi possível, através de uma profunda discussão (com teóricos), fazer uma releitura, não só das relações raciais (como forma construídas no período colonial), como também, entender, quais foram as estratégias usadas para silenciar vozes, narrativas e saberes.

CONCLUSÕES

O conto ele nos remete a uma reflexão sobre os processos da colonização, e de que forma os mesmos, serviram de forma ideológica, como forma de apagamento das múltiplas culturas dos povos colonizados.

Conseguimos perceber, durante esse primeiro período (um ano), que a imagem da criança, ela ocupa um lugar central, na produção literária africana (em contextos de guerras e lutas de libertação nacional, como também apos-guerras). Isso, nasce da necessidade de, segundo DUTRA (2010, p. 1):

No que se refere à produção literária africana, a temática infantil é abordada por autores em diversas épocas e espaços, dos quais podemos destacar o costamarfiano Ahmadou Kouroma e o nigeriano Uzodinma Iweala, ao lado de contos orais como os centrados em Mwindo, da etnia Nianga; Kyamzimba, de origens Chaka; Sondjata, de raízes Mali e Kimanaueze, dos umbundus angolanos. Entre os escritores em língua portuguesa temos Baltasar Lopes, Eduardo White, Mia Couto, Luandino Vieira, Pepetela, Manuel Rui, Ondjaki, etc., exercendo um papel de destaque tanto na busca pela identidade quanto na recuperação do passado de seus países, bem como na possibilidade apontada por Shavit de definição do futuro.

Um pouco por todo o continente, começa a nascer (principalmente após a independência) com maior frequência a necessidade de se vincular a imagem da criança (a contextos de uma busca por uma identidade nacional dos países colonizados).

Tem-se a crença em África, de que a criança ele possui uma certa inocência e pureza, e por isso, se deposita todas as expectativas de um futuro melhor nela. No caso do conto, aqui analisado, Tiago é representação da metáfora de uma nação livre da segregação racial, um mundo ao qual não haveria nenhum tipo de preconceito. Por isso a preocupação em parte dos colonos, com os seus filhos, quando estes se encantam com as histórias do velho passarinho.

Ora, assim sendo, podemos também acreditar, que não é somente uma exclusividade dos africanos em depositar, o futuro às crianças, os europeus também, sentem essa necessidade, pois, mas do que uma preocupação com as histórias que o passarinho, contara às crianças, existia lá o medo de que estas (crianças), pudessem a luz daquela convivência cotiada com o homem da terra, assimilar outros valores e formas de saber, e conseqüentemente, romper com as suas “raízes” eurocêntricas e brancas, que tendia em, trona-los também em futuros racistas, tal como seus pais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente e deixar aqui registrado o meu carinho, a minha orientadora e coordenadora do projeto, a professora Josyane Malta Nascimento, pela oportunidade de poder ter essa rica experiência.

Foi a minha primeira experiência com projetos de iniciação científica, nunca tinha trabalhado antes, com algo parecido, por isso, algumas dificuldades nesse primeiro ano, mas que com o suporte da minha orientadora eu consegui me adaptar e superar.

Espero que nesse segundo ano do projeto, possamos produzir mais (escrever mais artigos).

E por fim, sem me esquecer, como diria Mia Couto:

“Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras, mas só há duas nações – a dos vivos e dos mortos”.

(Juca Sabão, em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”)

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. O Embondeiro que sonhava pássaros in Cada homem é uma raça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

DUTRA, Robson. Entre revolução e infância, metáforas da nação.

<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/19-Entre-revolu%C3%A7%C3%A3o-e-inf%C3%A2ncia-met%C3%A1foras-da-na%C3%A7%C3%A3o.pdf>, 2010.

Mia Couto: um convinte à diferença / organizado por Fernanda Cavacas, Rita Chaves, Tania Macêdo.—São Paulo: Humanitas, 2013.

SOUZA, Ana B. M. Mia Couto e o embondeiro que sonhava pássaros, 2014.

CANTARIN, Márcio Matiassi. O negro em seu devido lugar: uma leitura de “O embondeiro que sonhava pássaros”, de Mia Couto, 2010.